

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Adriana Botelho Taliarine

dritaliarine@hotmail.com

Darci de Jesus Ramos

Prof. MSc. José Ricardo Favoretto

Fatec Itapetininga - SP

RESUMO: O aumento da demanda mundial por alimentos e a redução das áreas agriculturáveis faz do Brasil um dos maiores fornecedores mundiais de alimentos, o que proporciona destaque ao agronegócio na economia brasileira. Ainda assim, o setor agropecuário brasileiro apresenta um sistema de gestão deficiente. Dessa forma, objetiva-se analisar a importância da moderna gestão para o agronegócio brasileiro e mostrar para o agropecuarista que uma boa gestão pode fortalecer e expandir suas atividades. Ao contrário de empresas de outros setores da economia, que independente do seu tamanho ou área de atuação possuem grande preocupação com sua gestão, o setor agropecuário não tem como característica usual o cuidado necessário com a gestão de suas atividades. Pode-se observar que apesar do considerável avanço tecnológico, ainda existem muitas empresas rurais, pequenas, médias e grandes propriedades, que movimentam milhões de reais por ano e sequer apresentam um planejamento de suas atividades. É indispensável que o empresário rural tome conhecimento da importância do seu papel no cenário nacional e mundial e que busque incessantemente o aprimoramento de suas técnicas de produção e de gestão administrativo-financeira da sua empresa.

Palavras-chave: Administração. Agropecuário. Planejamento. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Em virtude da grande e crescente demanda mundial por alimentos e da redução das áreas agriculturáveis ao redor do mundo, o Brasil se consolida como um dos grandes fornecedores mundiais de alimentos, assumindo assim grande responsabilidade com o futuro da humanidade. Nesse mesmo enfoque, o agronegócio torna-se um dos setores de maior importância na economia brasileira e vêm movimentado milhões de reais em recursos, gerando milhares de empregos diretos e indiretos e transformando o país em um grande celeiro agropecuário. Mesmo com toda essa significância, o setor agropecuário brasileiro ainda apresenta um sistema de gestão deficiente, tanto pelos próprios produtores e

pecuaristas, quanto por parte dos órgãos governamentais envolvidos, tornando-o menos competitivo no cenário mundial. Esse breve estudo teve como objetivo analisar a importância da moderna gestão para o agronegócio brasileiro e mostrar para o agropecuarista que com uma boa gestão é possível não somente permanecer, mas também se fortalecer e expandir as suas atividades, independente do seu ramo de atuação. Foi realizada uma revisão bibliográfica abordando o setor agropecuário brasileiro, sua composição, bem como a importância do planejamento estratégico para o setor.

2 O SETOR AGROPECUÁRIO BRASILEIRO

O setor agropecuário brasileiro é composto por muitos pequenos e médios produtores, e por poucas propriedades de grande porte (Tabela 1), propriedades essas que pertencem a grandes grupos financeiros, geralmente constituídos por investidores estrangeiros. Um fato muito comum observado no Brasil é a administração das propriedades de pequeno e médio porte, realizada pelos próprios proprietários, que muitas vezes herdaram as terras e não aderiram às novas técnicas de gestão e planejamento na forma de administrá-las.

Tabela 1 - Composição do setor agropecuário brasileiro.

Classe	Número de Imóveis	%	Área (milhões ha)	%
Grande Propriedade	139.829	2,8	375,0	60,2
Média Propriedade	368.326	7,5	108,5	17,4
Pequena Propriedade	1.280.371	26,0	81,6	13,1
Minifúndio	3.045.883	61,8	42,6	6,8
Não Classificado (*)	97.199	2,0	11,9	1,9
Não Classificado – Projeto Técnico (**)	116	0,0	3,8	0,6
Total	4.931.724	100,0	623,4	100,0

(*) Imóveis Rurais que não possuem informações de área explorável ou com informações entre os Formulários Dados sobre Estrutura e Dados sobre o Uso

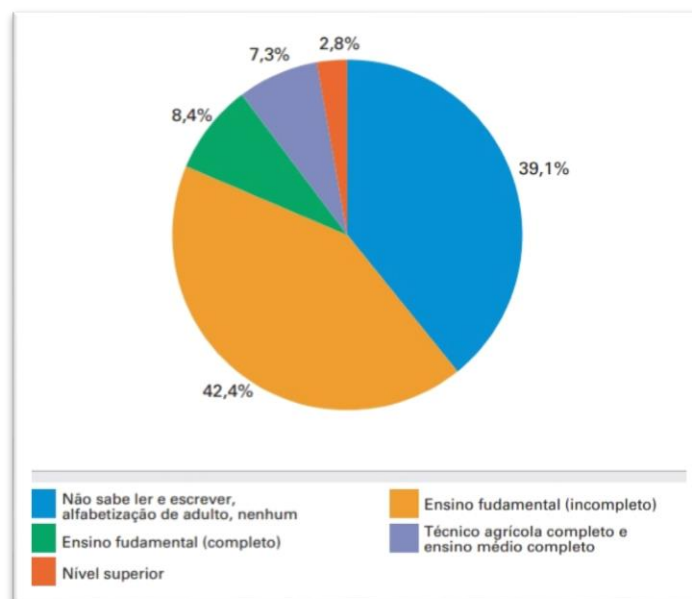
(**) Imóveis Rurais não classificados com declaração de projeto técnico, de acordo com o Art. 7 da Lei n. 8629/1993

Fonte: Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, 2011.

Ainda que o produtor não possua um grau de escolaridade elevado, não significa necessariamente que ele apresentará uma baixa capacidade operacional, entretanto, um baixo nível de escolaridade dificilmente proporcionará uma boa capacidade de gestão. O Censo Agropecuário 2006, publicado em 2009, revela o baixo nível de escolaridade dos produtores brasileiros, situação essa que pode ser apontada como o principal fator responsável pela deficiente gestão nas empresas rurais brasileiras.

Conforme o gráfico 1, aproximadamente 40% dos produtores brasileiros não sabem ler e escrever e não possuem nenhuma alfabetização. Uma parcela de 8,4% possui Ensino Fundamental Completo, enquanto 42,4 % não o concluíram. No Ensino Técnico Agrícola completo e no Ensino Médio Completo encontramos uma parcela de 7,3%. Se tratando de Nível Superior, somente 2,8% dos produtores rurais declararam possuir um curso universitário.

Gráfico 1 – Percentual dos produtores rurais brasileiros por grau de instrução. (Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2006).



Apesar do grande avanço tecnológico, é comum nos dias de hoje a utilização dos famosos “caderninhos” para anotação manual sobre as movimentações de produção e previsões. Nesse caso, o produtor rural mede o desempenho financeiro de sua propriedade pelo aumento das suas instalações e maquinários, ou simplesmente, pelo seu saldo bancário ou até mesmo pela aquisição de um carro novo (PROCÓPIO, 1997).

Normalmente essas aquisições agravam a situação financeira do produtor, pois sem saber o quanto de fato custou a sua produção e qual foi a respectiva margem de lucro com a sua venda, é impossível analisar se foi possível alcançar um resultado positivo naquele período produtivo.

Outro comportamento corriqueiro percebido nos produtores é a realização de seguidos financiamentos em Bancos Públicos e/ou Privados para compor o seu capital de giro, aumentando assim o seu endividamento. É fato comum o produtor emprestar capital de um financiamento e usá-lo para a aquisição de uma *pick-up* nova, recém-lançada no mercado ou a construção de uma casa luxuosa na cidade (PROCÓPIO, 1997).

Além dessas limitações, a falta de gestão também atinge o produtor rural em atividades básicas, como por exemplo, na escolha da cultura, da época ou da área de plantio; ou então na raça de animal a criar, o tamanho do plantel ou a época de reprodução. Decisões essas que tomadas sem o devido planejamento, aumenta de forma significativa os riscos da operação.

3 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

De acordo com Duarte (2002), o Planejamento Estratégico vem sendo utilizado desde a Revolução Industrial e diante deste fato, estudos na área de gestão de negócios estão contribuindo para o sucesso de micro e médias empresas. Assim a justificativa deste artigo está fundamentada em demonstrar para o produtor como o Planejamento Estratégico faz diferença no que diz respeito à ampliação da capacidade produtiva futura e redução nos custos da propriedade rural.

Barros (2012) afirma que diante deste mecanismo de gestão, as empresas conseguem atingir um grau de maturidade, alcançando um crescimento econômico e financeiro. O planejar é uma função administrativa e por isso tem como objetivo alcançar resultados através de processos estratégicos, táticos e operacionais.

O planejamento estratégico, ainda explica Barros (2012), abrange análises tanto do Ambiente Externo quanto do Ambiente Organizacional. No Ambiente Externo, as oportunidades e ameaças são fatores que podem ser aproveitados ou evitados. Já, a análise do Ambiente Organizacional permite que o produtor conheça as forças e as fraquezas da sua empresa, com foco, por exemplo, nos produtos, nos recursos financeiros, no relacionamento com fornecedores e clientes, no prazo de entrega, na produtividade, na

época e tipo de comercialização, na demanda, na produtividade, na concorrência direta e indireta, entre outras.

Com base nos dados fornecidos tanto pelo planejamento estratégico quanto pela contabilidade de sua empresa rural, o produtor pode se programar no que diz respeito às ações que vai tomar em determinada safra ou ano, ou ainda nos próximos anos, de forma clara, eficiente e mais próxima do sucesso. Minimizando assim os riscos que sua atividade oferece (PEREIRA; NAGANO, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão de literatura realizada é incontestável a vocação que o nosso país possui para o agronegócio e a importância que essa atividade representa para o Brasil e para o mundo.

Assim sendo, é necessário que o nosso país possua um setor agropecuário eficiente, dinâmico e fortalecido, que cada empresa agropecuária atinja a sua excelência, desde a produção até a comercialização de seus produtos.

Tal patamar somente será atingido por meio da implantação de adequados processos de gestão e de um eficiente planejamento estratégico dentro das propriedades rurais do nosso país, sendo substancial que os órgãos governamentais ofereçam suporte aos produtores por meio de subsídios para que seja possível alcançar o grau de informação e conhecimento necessários para tal fortalecimento, com o oferecimento de cursos, assessorias e ampliação do número de instituições de ensino voltadas para o agronegócio, o agropecuarista e a gestão de negócios. A utilização do planejamento para a tomada de decisões e a prevenção são chaves para o sucesso.

REFERÊNCIAS

BARROS, A.M. **Gerenciamento da produção visando o crescimento da propriedade rural**. Disponível em: <<http://rehagro.com.br/plus/modulos/noticias/imprimir.php?cdnoticia=2373>> Acesso em 04 de Abril de 2012.

DUARTE, F. **Planejamento Estratégico**: uma contribuição para análise de resultados de implantação da média indústria, 2002. 95f. Tese (Curso de Pós-Graduação) – Programa de

Pós-Graduação em Administração de Empresas, Departamento ECA, Universidade de Taubaté 2002. Disponível em:
<http://www.ppga.com.br/mestrado/2002/duarte_fabio_soares.pdf>. Acesso em: 27 maio 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agrário retratado pelo Censo Agropecuário, 2006**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/contenidos.pdf>. Acesso em: 28 maio 2012.

PEREIRA, E.; NAGANO, M. Gestão Estratégica de Custos. In: SCHMIDT, Paulo (Org.). **Controladoria: agregando valor para a empresa**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

PROCÓPIO, A. **A Utilização de Modelos Decisórios Contábeis pelo Pequeno e Médio Produtor Rural – Um Estudo na região de Ribeirão Preto**. 1997. 75f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Contabilidade. Universidade de São Paulo, Ano 1997. Disponível em: <200.131.250.22/revistadae/index.php/ora/article/download/140/1371> . Acesso em 01 de Junho de 2012

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais. **Perfil do Agronegócio Brasileiro, Setembro/2011**. Disponível em:
<http://www.agricultura.mg.gov.br/files/perfil/perfil_brasil.pdf> . Acesso em 02 de Fevereiro de 2014